

s psicológicas

Ilher sem pecado

Ido de noiva

nº 6

U, porém honesta

Nelson Rodrigues

s míticas

m de família

negro

utêia

ora dos afogados

Tragédias cariocas I

lecida

lua-me por me traíres

ete gatinhos

i de Ouro

Tragédias cariocas II

beijo no asfalto

*Lara Resende ou Bonitinha,
ordinária*

Toda nudez será castigada

A serpente

11 85-209-0198-0



3520*901984

Teatro completo de

Nelson
Rodrigues

Organização e introdução de
Sábato Magaldi

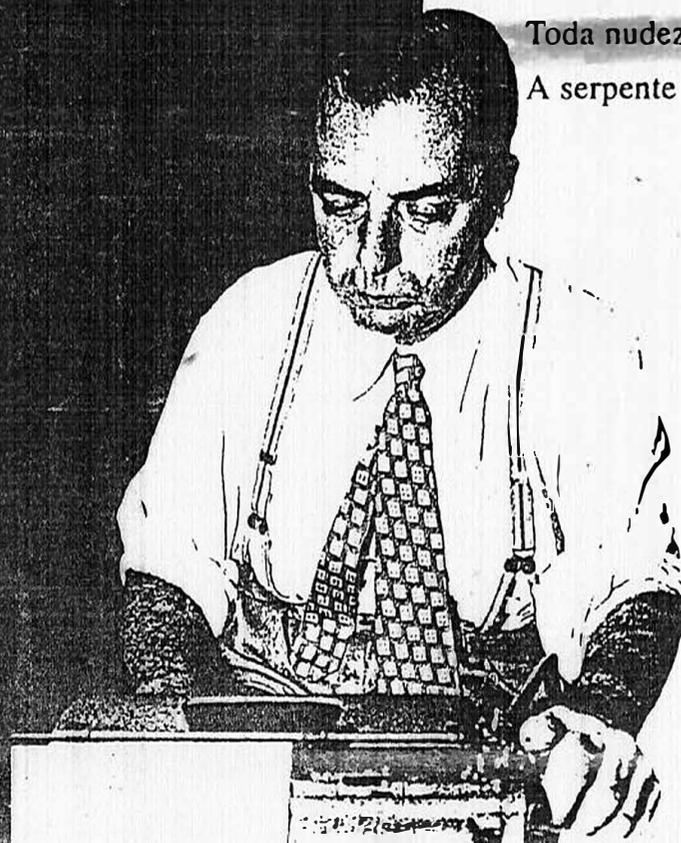
4
Teatro Completo de
Nelson Rodrigues
Tragédias cariocas II

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA
SEMPRE
UM BOM
LIVRO

Teatro completo de Nelson Rodrigues

● *Tragédias cariocas II*

O beijo no asfalto
Otto Lara Resende
ou Bonitinha, mas ordinária
Toda nudez será castigada
A serpente



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Programa de estréia de **TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA**, apresentada no Teatro Serrador, Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1965.

Personagens

Aluizio Leite Garcia e Joffre Rodrigues

apresentam

de Nelson Rodrigues

Toda Nudez Será Castigada

Personagens por ordem de entrada

HERCULANO	<i>Luís Linhares</i>
NAZARÉ	<i>Jacyra Costa</i>
PATRÍCIO	<i>Nelson Xavier</i>
TIA Nº 1	<i>Elza Gomes</i>
TIA Nº 2	<i>Antonia Marzullo</i>
TIA Nº 3	<i>Renée Bell</i>
GENI	<i>Cleyde Yaconis</i>
ODÉSIO	<i>Olegário de Holanda</i>
SERGINHO	<i>Enio Gonçalves</i>
MÉDICO	<i>Alberto Silva</i>
PADRE	<i>Ferreira Maya</i>
DELEGADO	<i>José Maria Monteiro</i>

Direção: **ZIEMBINSKI**

Cenário e Figurinos: **NAPOLEÃO MONIZ FREIRE**

HERCULANO
NAZARÉ
PATRÍCIO
TIA Nº 1
TIA Nº 2
TIA Nº 3
GENI
ODÉSIO
SERGINHO
MÉDICO
PADRE
DELEGADO

NAZARÉ — Comigo não deixou.

(Herculano, intrigadíssimo, abre o embrulho.)

HERCULANO — Fita de gravação! (Não entende) ~~Bozinha!~~

NAZARÉ — D. Geni disse para o senhor não deixar de ouvir o disco.

HERCULANO — Que disco? Ah, a fita! (Muda de tom) Nazaré, deixa de brincadeira. Ela está aí, não está aí?

NAZARÉ — Não estou brincando.

HERCULANO (num rompante) — Genil! Genil!

NAZARÉ (rindo) — Juro!

HERCULANO — Vai buscar o aparelho, vai. Isso é algum palpite. Apanha lá. (Nazaré obedece.)

HERCULANO — Agora me lembro. Me dá isso aqui: Geni me disse, no telefone, que tinha uma surpresa para mim, não sei o quê. Surpresa.

(Ao mesmo tempo que fala, Herculano está colocando a fita. Sem pressa e divertido.)

HERCULANO (examinando o aparelho) — Ela está assim. Aposto a minha cabeça. Quero ser mico de circo. De que você está rindo?

NAZARÉ — Estou rindo, porque o senhor não está acreditando, Dr. Herculano. Saiu!

(A fita está colocada. Herculano aperta pela primeira vez o botão. Sons esquisitíssimos de fita invertida. Pára e vira-se para Nazaré.)

HERCULANO — Olha, vai fazer um cafezinho rápido.

NAZARÉ — Carioquinha?

HERCULANO — Bem carioquinha.

NAZARÉ — Melhorou do estômago?

HERCULANO (entretido no aparelho) — Assim, assim. Esses médicos são umas bestas! (Muda de tom) Melhor um pouco, sei lá. Mesma coisa. Chispa, vai buscar o café.

(Sai Nazaré. Então, sozinho, Herculano assovia e prepara-se para ouvir a fita. Apaga-se o palco. Nas trevas, ouve-se a voz de Geni.)

GENI — Herculano, quem te fala é uma morta. Eu morri. Me matei. (Ao mesmo tempo que Geni fala, ibarino se partiu: fala de Geni, Patrício e as tias permanecerão imóveis e mudos.)

GENI — Herculano, ouve até o fim. Você pensa que sabe muito. O que você sabe é tão pouco! (Com triunfante crueldade) (Violenta) Há uma coisa que você não sabe, nem desconfia, uma coisa que você vai saber agora, contada por mim e que é tudo. Falo pra ti e pra mim mesma. (Dilacerada) (Ressentida e séria) Escuta, meu marido. Uma noite em tua casa.

(Patrício lê jornal. Tias começam a falar.)

TIA Nº 1 — Vai depressa, chamar o padre Nicolau!

PATRÍCIO — É tarde pra chuchul!

TIA Nº 2 — Padre não tem hora!

TIA Nº 1 — Andá!

PATRÍCIO — Não se pode nem ler jornal!

TIA Nº 3 — Ou você prefere que seu irmão morra?

PATRÍCIO — Padre não é médico!

TIA Nº 1 — O que Herculano tem não é doença, é desgosto.

TIA Nº 2 — Basta de morte na família!

PATRÍCIO — Mas titia! A senhora não achava bonito o viúvo que se mata? Viúvo que tem tanta saudade da mulher, que mete uma bala na cabeça?

GENI (*procurando*) — Tiraram. Põe ali. (*Muda de tom*) (*e com novo interesse*) Câncer no seio é fogo!

PATRÍCIO — De amargar!

GENI (*meio alada e não sem certa doçura*) — O melhor você não sabe. Tenho uma cisma que vou morrer de câncer no seio.

PATRÍCIO — Que palpite besta!

GENI (*veemente*) — Fora de brincadeira! (*Com certo arrebatamento*) Tive uma tia, solteirona. Bonita, não sei por que não se casou. E morreu. Perdeu um seio, depois o outro. Era eu quem tratava dela. Me lembro do dia em que me chamou: — “Geni, vem cá, vem ver.” Tirou o seio e me mostrou. Vi um carocinho. Era a doença.

PATRÍCIO — Assunto chato!

GENI (*com certa unção*) — Sou meio fatalista! (*Muda de tom*) Mas a mulher do teu irmão, a que morreu, era bonita?

PATRÍCIO — A minha cunhada? Um bucho!

GENI — Tinha um seio bonito?

PATRÍCIO — Não faço fé.

GENI — Quer saber de um negócio? A coisa mais difícil é um seio bonito. (*Com uma graça triste*) O meu, é? (*Muda de tom*) Se há uma coisa que eu tenho bonito é o seio.

PATRÍCIO — Sua mascarada!

GENI (*sonhadora*) — Sei que, um dia, vou descobrir no seio. (*Geni abre a blusa e apanha o seio*) Uma ferida como a da minha tia.

PATRÍCIO — Geni! Não fala assim que dá azar!

GENI — Falo.

PATRÍCIO — Onde é que eu estava? Ah, minha cunhada era feia pra burro. Mas eu noto que os buchos até que dão sorte. Ela foi a única mulher — a única! — que o meu irmão conheceu, carnalmente falando.

GENI — Nem antes?

PATRÍCIO — A única até hoje! Como o Herculano, eu nunca vi. Nunca tomou um porre. Só tomou um, uma vez, e quase, quase.

GENI — Quem se casar com ele vai ganhar uma nota alta. Tua cunhada morreu e que fim levou teu irmão?

PATRÍCIO — Você nem imagina!

GENI — Você me pede o cinzeiro e põe cinza no chão.

PATRÍCIO — Desculpe. Mas compreendeu?

GENI — Olha o cinzeiro!

PATRÍCIO — Meu irmão está lá, cada vez mais viúvo. Mandou todos os ternos pra tinturaria. O único luto do Brasil.

GENI — E daí?

PATRÍCIO — Daí as minhas tias estão apavoradas. Eu tenho uma família só de tias. É tia por todo o canto. E elas têm medo de que, de repente, o mano meta uma bala na cabeça. Mandaram chamar o padre Nicolau que está com asma. Eu então, a título de piada, disse que conhecia uma senhora, etc. e tal.

GENI — Mas a mulher não era chata?

PATRÍCIO — Até que se prove que era chata! (*Muda de tom*) Herculano não pode morrer. Cada tostão que eu gasto depende dele. Ele me esculhamba mas solta a erva. (*Num apelo*) Geni, tu vais me salvar a pátria!

GENI — Mas como salvar a pátria?

PATRÍCIO (*exaltando-se*) — Eu sou o cínico da família. E os cínicos enxergam o óbvio. A salvação de Herculano é mulher, sexo! (*Triunfante*) Para mim, não há óbvio mais ululante!

GENI — Que conversa! Um sujeito cheio da gaita, não há de faltar mulher.

PATRÍCIO — Você parece burra! Eu não digo qualquer mulher. Quer saber de uma coisa? De cada mil mulheres, só uma não é chata sexual. Novecentas e noventa e nove são chatérrimas.

GENI — Quer dizer que eu não sou chata?

HERCULANO (*meio alado*) — Onde?

PATRÍCIO — Lá?

HERCULANO (*furioso*) — Na tal Geni?

PATRÍCIO — Uma ótima pequena!

HERCULANO — Patrício! Se você não fosse meu irmão, eu te partia a cara!

PATRÍCIO — Herculano, olha. Não tem sentido. Escuta.

HERCULANO (*num berro*) — Saia daqui!

PATRÍCIO — Herculano.

HERCULANO (*com a voz estrangulada para si mesmo*) — Me convidar, ter essa coragem — pra ir à zona!

PATRÍCIO — Não é zona. *Rendez-vous* de gabarito. E a Geni não é o que você pensa!

HERCULANO — Uma prostituta!

PATRÍCIO — Não vamos fazer um bicho de sete cabeças. Não é, não é como as outras!

HERCULANO (*desesperado*) — Vagabunda é vagabunda!

PATRÍCIO — Fez o científico. Com Geni, se pode conversar. Humana, entende? E vou te dizer mais! Não conheci, até hoje, uma mulher mais humana.

HERCULANO (*febril*) — E está lá por quê?

PATRÍCIO — Sei lá. Azar.

HERCULANO (*triunfante*) — Vírgula! Assim como se nasce poeta, ou judeu, ou bombeiro — se nasce prostituta!

PATRÍCIO — Isso não resiste a um.

HERCULANO — E outra coisa.

PATRÍCIO — A Geni.

HERCULANO (*cortando*) — Por que teu interesse? Você quer me levar lá por que e a troco de quê! Fala!

PATRÍCIO — Estou te ajudando, querendo te ajudar.

HERCULANO (*num berro*) — Cínico!

PATRÍCIO (*persuasivo*) — Não ganho nada com isso. Ganho alguma coisa?

HERCULANO — O que é que uma prostituta pode me dar?

PATRÍCIO — É simples, tão simples! Pode te dar (*vivamente*) num sorriso, numa palavra, num gesto, sei lá. Pronto: relação humana. Você, Herculano, está aí nessa dor burra. Isso não é nem viril. Você sofre, muito bem. E daí? Uma dor idiota que não conduz a nada.

HERCULANO (*taciturno*) — Sofro pouco. Devia sofrer mais.

PATRÍCIO — Você quer morrer?

HERCULANO (*triumfante*) — Agora você disse tudo. Morrer. Só não meto uma bala na cabeça — por causa do meu filho. Só. (*Começa a chorar*) Eu devia estar enterrado com a minha mulher.

PATRÍCIO — Ou você não percebe que essa inércia é uma degradação?

HERCULANO (*desatinado*) — O que é que você entende de degradação? Você que.

(*Herculano agarra Patrício pela gola do paletó.*)

PATRÍCIO — Olha! Faz alguma coisa! Ao menos, beba! Bebe, pronto!

HERCULANO (*atônito*) — Foi por isso que você trouxe essa garrafa?

PATRÍCIO (*exultante*) — Toma um porre! Você está cheirando mal, apodrecendo!

HERCULANO (*num crescendo*) — Beber? Ah, você quer que eu beba? Sabendo que eu não posso tocar em álcool? Eu só bebi uma vez, aquela vez. Você viu como eu fiquei. (*Agarra o irmão pela gola do paletó.*) Bêbado, eu posso ser assassino, incestuoso. Agora você vai dizer, na minha cara — vai dizer se gosta de mim! (*Os dois irmãos estão cara a cara.*)

PATRÍCIO — Estou querendo te salvar.

HERCULANO — Ou é ódio?

GENI — Seja mais delicado, que eu não estou aqui para. Ou você pensa que.

HERCULANO — Minhas calças, imediatamente.

GENI — Cavaloi!

(Geni apanha as calças que estão atiradas no chão.)

GENI — Toma!

HERCULANO — O cúmulo!

GENI — Quem te viu e quem te vê. *(Com profundo desprezo)*
Me chega aqui chorando. Chorando!

HERCULANO — Chorando, eu?

GENI — Você! Eu com freguês aqui dentro e você na porta chorando!

HERCULANO — Nunca, na minha vida, nunca toquei numa prostituta!

GENI — Eu conheço vocês todos!

HERCULANO — Sua nojentinha!

GENI *(furiosa)* — Quem é que é nojenta?

HERCULANO — Você, sua vagabunda!

(Sem querer e sem sentir, Herculano se põe de gatinhas na cama.)

GENI — Não me humilhe que eu te.

HERCULANO *(cortando)* — Ninguém te humilha! Você está de baixo de tudo! Você é um mictório! Público! Público!

GENI — Pois olhe. Você me disse que tua mulher não chegava a meus pés. Disse. Você berrava: — “A minha mulher era uma chata!”

HERCULANO *(aterrado)* — Não. Não! Uma santa, uma santa! Se repetir isso eu te mato!

(Geni solta o riso; novamente, Herculano está de quatro.)

GENI *(apontando)* — Foi assim que você entrou aqui. De quatro. *(Geni ri mais alto)* Seu cão!

HERCULANO — Não ri! Pára de ri!

GENI — Tua mulher tinha varizes!

HERCULANO *(estupefato)* — Como é que você sabe?

GENI — Não tinha varizes?

HERCULANO *(com esgar de choro)* — Não! Não!

GENI — Tinha! *(às gargalhadas)* Ai, meu Deus! Você me contou. Foi você. E você tinha nojo das varizes de tua mulher!

HERCULANO *(num berro)* — Cala a boca!

(Herculano continua de quatro.)

GENI *(no desafio feroz)* — Ela não tinha as coxas separadas? Hem, seu cão? *(Sempre às gargalhadas)* — Ai, meu Deus, não agüento mais! *(Novo impulso)* E ela tomava banho de bacia, banho de assento, antes de dormir! Fazia assim com a mão na água. *(imita o gesto)*

HERCULANO *(chorando)* — Eu não disse nada! É mentira! Nada!

GENI — Nunca ri tanto na minha vida!

HERCULANO *(ofegante)* — Olha aqui, sua.

GENI *(ofegante)* — Fala.

HERCULANO — Se eu falei de minha mulher, uma morta, se eu a insultei, e se contei o banho de assento. *(Num impulso maior)* Você não entende, mas olha: — é tão triste e casto — o banho de assento, triste! *(Muda de tom e novamente feroz.)*

GENI — Ai que eu estou com dor aqui!

HERCULANO — Mas se eu disse isso, então devo mesmo andar de quatro. Eu sou o cão. Estou babando como um cão. *(Herculano passa as costas da mão na boca.)*

GENI *(subitamente triste)* — Tua mulher teve uma ferida no seio, não teve?

HERCULANO — Eu também te falei de?

GENI — Vamos fazer outro amorzinho bem gostoso?

HERCULANO (*com esgar de nojo*) — Só pensa nisso!

GENI — De ti eu gosto! Gostei! Dos outros, não. Vem.

HERCULANO (*com desprezo*) — Agora eu não estou mais bêbado. Sai daí!

GENI (*com um riso súbito e cruel*) — Quer dizer que você precisa beber pra ser macho?

HERCULANO — Não entende nada! (*desesperado*) Escuta, você tem uma alma, meu filho outra e há uma ferida. Eu sou um bêbado, que passou pela sua vida e sumiu.
(*Apaga-se a luz. No escuro, sai Herculano. Ouve-se a voz de Geni.*)

GENI — Herculano, você passou uma semana sem aparecer. Nem bola, nem pelota. Todas as noites, eu sonhava com a ferida. E, no sonho, aparecia, ora a minha tia solteirona, ora a tua mulher. As duas tiravam o *soutien* para mim. E nada de você. Teu irmão é que me repetia: "Ele volta! Volta!" Até que um dia. (*Na metade da jala acima ilumina-se a cena. Geni presente. Quando termina a evocação gravada, bate o telefone e Geni atende.*)

GENI (*num tom neutro*) — Alô! (*Espaço e logo ela muda de tom.*) Até que enfim! Você sumiu!

(*Luz para Herculano, em outro telefone. Ele aparece incerto, como se a vergonha o traísse.*)

HERCULANO — Eu nem devia telefonar. Estou falando só para te dizer.

GENI — Herculano, espera um momentinho.

HERCULANO — Estou com pressa.

GENI — Herculano, espera um momentinho.

HERCULANO — Estou com pressa.

GENI — Vou só apanhar um cigarro.

(*Geni larga o telefone e apanha o cigarro. Volta para o telefone.*)

GENI — Pronto. (*Muda de tom*) Mas nem pra saber se eu morri?

HERCULANO (*travado*) — Ocupado e além disso.

GENI — Então? Depois daquela vez, você continua virgem, ou.

HERCULANO — Olha esse tom, Geni.

GENI (*sôfrega*) — Por que é que você não dá um pulo aqui?

HERCULANO (*em pânico, muda de tom*) — Geni, aquela foi a primeira e última vez! Estou-lhe falando sério, Geni.

GENI — Você não gostou?

HERCULANO (*incisivo*) — Geni! Eu telefonei pra te fazer uma pergunta. Só uma! (*Pausa e faz a pergunta*) Como é que você suporta essa vida?

GENI (*surpresa e incerta*) — Como? É uma história muito comprida. Um dia eu te conto. Prometo.

HERCULANO (*com mais élan*) — Geni, quando conversamos, aquela vez. Eu para definir esse tipo de vida, usei uma expressão.

GENI — Mictório.

HERCULANO (*rápido e infeliz*) — Não precisava repetir a palavra. Entende? Eu não podia ter comparado uma criatura humana a. (*Com veemência*) Mas você não é isso. Você não pode ser isso.

GENI (*desinteressada do sermão e com dengue de gata*) — Você não quer me ver?

HERCULANO (*amargurado*) — O que eu disse, entrou por um ouvido e saiu pelo outro! Nem prestou atenção.

GENI (*implorando*) — Vem cá, vem?

HERCULANO — Aí?

GENI (*sôfrega*) — Olha. Eu estou esperando um freguês, mas desmarco. Aqui é mais cômodo.

HERCULANO (*desesperado*) — Geni, eu só fui aí uma vez, porque estava bêbado. Você sabe, Geni, sabe! Não ponho os pés aí — nunca mais!

GENI — Nunca mais?

GENI — Você é um chato.

PATRÍCIO — Presta atenção. Quando o Herculano der as caras.

GENI (*interrompendo, violentamente*) — Ele não vem! Disse que não vinha, aquela besta!

PATRÍCIO — Calma! Vem! Quer apostar como vem? O que você quiser, apostol

GENI — Mas ele acaba de me dizer, agora, no telefone, neste minuto.

PATRÍCIO — Oral

GENI — Que nunca, nunca! Dissel

PATRÍCIO (*agarrando-a*) — Geni.

GENI (*chorando*) — Não sei por que nasci!

PATRÍCIO (*berrando*) — Mas escuta!

GENI — Merda de vida!

PATRÍCIO — Deixa eu falar. Eu conheço o meu pessoal. Nós somos todos castos. Nós, não. Eu não sou. (*Com um riso meio soluçante*) Mas eu também seria, se não tivesse havido um fato, um fato na minha vida. Mas o Herculano, as minhas tias solteironas. Nenhuma casou. (*Muda de tom*) Sabe qual foi o fato, o tal fato na minha vida?

GENI — De vez em quando, você me dá medol

PATRÍCIO (*transtornado*) — Eu? Medo?

GENI (*transida*) — Desconfio que você não regula, Patrício.

(Os dois estão de pé. Geni recua diante de Patrício. Este que estava grave, quase ameaçador, muda de tom.)

PATRÍCIO — Mas deixa eu contar. Essa eu acho ótima. Quando eu tinha dez, onze anos, não me lembro. Onze anos. A nossa casa dava pra um capinzal. Um dia, apareceu uma cabra.

GENI — Cabra?

PATRÍCIO — De um português, sei lá. Então, todo dia, eu me metia no capinzal. (*Com maior tensão*) Uma vez uma das

minhas tias olhou pelo muro e me viu (*começa a rir com sofrimento*): — eu, nu, com a cabra.

GENI — Não estou entendendo.

PATRÍCIO — Você é burra! A cabra foi a minha primeira experiência sexual. (*Num riso ainda mais ordinário*) A primeira mulher que eu conheci foi uma cabra.

GENI (*sem nenhum escândalo*) — Criança é safada!

PATRÍCIO (*com certo desespero*) — Eu não era o único. Os outros meninos também.

GENI (*desligada*) — Você acha que Herculano vem?

(Patrício já não se dirige para Geni. É como se falasse para um ouvinte interior.)

PATRÍCIO (*num desespero progressivo*) — Então, a minha tia me agarrou. Outras tias me agarraram. Meu castigo era ficar, uma hora, de joelho, em cima do milho. Me botaram num canto, como se eu, um menino, tivesse lepra.

(Patrício cai em si.)

PATRÍCIO (*mudando de tom e triunfante*) — Assim somos nós. Eu, Herculano, as minhas tias.

GENI — E daí?

PATRÍCIO — Daí o seguinte. Quando ele aparecer — vai aparecer na certa. O casto não resiste. Quero ser mico de circo — você não recebe. Esnoba.

GENI — Deixa de piada. Eu gosto dele.

PATRÍCIO — Sua cretina!

GENI — Teu irmão é macho. Não é como esses que. Macho.

PATRÍCIO — Ó sua besta! Tem que usar a cabeça. Você é mulher da zona. Põe isso (*aponta para a cabeça*). Herculano é o sujeito que nunca, nunca. De mês em mês, quando a mulher era viva, fazia o papai e mamãe, de luz apagada. Sujeito religioso.

GENI (*maravilhada*) — Você dizendo palavrão!

HERCULANO — Eu não digo palavrões!

GENI (*com apaixonada humildade*) — Posso te fazer uma coisa?

HERCULANO — Fazer o quê?

GENI — Deixa?

(*Súbito, Geni cai de joelhos e beija os sapatos de Herculano.*)

HERCULANO (*desesperado*) — Mas o que é isso? Não faça isso!

GENI (*ainda de joelhos*) — Gostou?

HERCULANO — Não tem sentido! Levanta, levanta!

GENI (*meiga*) — Dorme comigo?

HERCULANO — Não vamos levar pra esse terreno.

GENI — Meu bem.

HERCULANO — Geni, ouve, deixa eu falar. Sim? Deixa eu falar. Vim aqui com uma finalidade. Entre nós, não há sexo, e nem pode haver. Entendido?

GENI (*violenta*) — Então, por que é que você quer me tirar daqui?

HERCULANO — Humanidade!

GENI (*começando a chorar*) — Humanidade coisa nenhuma! (*Mudando de tom e apaixonadamente*) Eu sou melhor que muitas. Não vou com qualquer um, não.

HERCULANO (*veemente*) — Geni, eu te arranjo um emprego!

GENI (*furiosa*) — Não ando atrás de emprego! (*Novamente meiga*) Dorme comigo, dorme! Não sei dormir sozinha! Tenho medo. Sabe que eu tenho medo de aranha?

HERCULANO — Vou te dar um dinheiro e você...

GENI (*furiosa*) — Se você não quer nada comigo, não é nada meu, mania de mandar em mim. O cara que teve antes de você também queria saber como é que eu caí na vida. Que merda!

HERCULANO (*desesperado*) — Tenho pena da tua alma!

(*Herculano fica, um momento, de costas para Geni. Então, lasciva, ela vem por trás dele. Apelo.*)

GENI — Vamos fazer um amorzinho bem gostoso? Depois, você vai embora, e eu durmo com uma nova, que chegou. Vamos fazer o amor? (*Geni colada a Herculano por trás, em cio*) Só essa vez e nunca mais!

HERCULANO (*sempre agarrado pelas costas e com a voz estrangulada*) — Será a última vez. Mas você não toca no nome da minha mulher. (*Herculano vira-se de frente para Geni. Beijam-se, furiosamente. E, então, sôfrego, ele vai tirando a gravata, a camisa. Ao mesmo tempo, Geni se transfigura. Recua.*)

GENI (*feroz*) — Está tirando a roupa? Não tira a roupa! Cai fora! Sou de qualquer um, menos de você. Você só toca em mim casando! Só toca em mim casando!

(*Geni dá gargalhadas de bruxa.*)

FIM DO PRIMEIRO ATO

uma pergunta, só uma pergunta. (*Muda de tom, apaixonadamente*) O senhor se mataria por mamãe?

HERCULANO — Eu sou católico.

SERGINHO (*desesperado*) — Isso não é resposta!

(*Herculano deixa Serginho e passa para um novo foco de luz, onde estão as tias, todas de luto.*)

HERCULANO (*para as velhas*) — O que é que vocês fizeram com meu filho?

TIA Nº 1 — O culpado é você!

HERCULANO — Esse menino não vive uma vida normal! Não tem namorada!

TIA Nº 2 (*com esgar de nojo*) — Só pensa em sexo!

HERCULANO — Meu filho me condena porque eu ponho talco nos pés! Como se fosse obsceno pôr talco nos pés.

TIA Nº 3 — Nós achamos! Nós achamos!

HERCULANO — Vocês precisam se convencer que minha mulher é uma defunta.

TIA Nº 1 — Não repita esta palavra! Teu filho não quer que a mãe seja uma defunta!

(*Herculano passa para a área de luz onde está Serginho. Muda de atitude e de tom.*)

HERCULANO — Meu filho, toda família tem seus mortos.

SERGINHO — Não é isso! (*Fora de si*) O senhor entende e finge que não entende! (*Incisivo*) Meu pai! Quando mamãe morreu, o senhor queria se matar, até esconderam revólver. (*Mais doce, quase segredando*) Então, eu pensei que o senhor se matasse.

HERCULANO (*amargurado*) — Meu filho, eu não acredito, nem posso acreditar. Você desejou a minha morte, desejou, quis a morte de seu pai?

SERGINHO (*olegante*) — Ainda não acabei.

HERCULANO — Fala.

SERGINHO (*quase doce*) — Eu, então, pensava: — meu pai se mata e eu me mato. Uma noite, vim até a porta do seu quarto. Eu vinha pedir ao senhor para morrer comigo. Nós dois. Mamãe queria que eu morresse e o senhor morresse. (*Num rompante*) Mas o senhor não se matou.

(*Herculano passa para a área de luz, onde estão as tias.*)

HERCULANO (*na sua ira*) — Eu tenho que pedir desculpas de estar vivo!

TIA Nº 1 (*histericamente*) — Você sempre quis viver! Sempre!

TIA Nº 2 — Você já quis se matar. Eu te impedi de morrer. (*Chorando*) Quase me arrependo.

HERCULANO — Esse menino conversa com um túmulo. Não entra na cabeça de ninguém. Vocês querem que meu filho enlouqueça?

TIA Nº 2 — Louco é quem esquece! Você esqueceu. Então é louco.

(*Herculano vai ao encontro do filho.*)

HERCULANO — Eu rezo! Eu rezei! Eu acredito na oração!

(*Serginho cai de joelhos diante do pai.*)

HERCULANO — Levanta, Serginho! Não faça isso!

(*Serginho dá murro no chão. Súbito, agarra-se às pernas do pai.*)

SERGINHO — O senhor vai repetir aquele juramento, aquele. Jura, jura que nunca mais se casará!

HERCULANO (*aterrado*) — Juro o que você quiser!

SERGINHO — O que eu quiser, não. Papai, quem tem que querer é o senhor.

HERCULANO — Mas levante! Serginho, Serginho!

SERGINHO (*chorando*) — O senhor não jurou!

GENI — O culpado é você! Você dá confiança demais. Meu pai quando era vivo. Você pensa? Eu que me fizesse de tola. Meu pai me metia a mão na cara!

HERCULANO — Sou contra pancada, sempre fui! Meu anjo, fecha o guarda-chuva, que parou de chover.

GENI (*mudando de tom*) — Bem, você me chamou pra quê?

HERCULANO (*gentil e sofrido*) — Queria te ver.

GENI (*bem ordinária*) — Ah, bom! Já começa! (*Muda de tom, violenta*) Você fez um carnaval no telefone, que não sei o quê, etc. Isso depois de passar um mês — 28 dias, 28 dias! — sem me dar a mínima pelota. Hoje, telefona. Diz que precisava ter uma conversa “séria”. Você disse “conversa séria” comigo. Eu estou aqui. Qual é o papo? Vamos ver.

HERCULANO — Meu bem, você não me entendeu.

GENI (*triumfante*) — Entendi, sim! (*Muda de tom, incisiva*) Fala como homem! Tapeação pra cima de mim, não!

HERCULANO — Olha esse tom, Geni!

GENI — Não tenho outro. E vem cá. Escuta. Por que é que eu hei de ser delicada, eu não sou digna nem de sentar a bunda no teu carro?

HERCULANO (*desesperado*) — Eu expliquei. São razões de família. Todo o mundo conhece meu carro.

GENI — E daí?

HERCULANO — Vamos conversar, sim, claro. (*Olha em torno*) Mas. Se ao menos, aparecesse o miserável de um táxi.

GENI — Não aporrinha, Herculano! Fala aqui, diz logo, pronto!

HERCULANO (*grave*) — Uma pergunta. Você gosta de mim? Gostou de mim?

GENI (*atônita*) — Que palpite é esse?

HERCULANO — Geni, não é palpite. Quer responder?

GENI — Sujeito burro! (*Mudando de tom trinca os dentes*) Só de olhar você — e quando você aparece basta a sua presença — eu fico molhadinha!

HERCULANO (*realmente chocado*) — Oh, Geni! Por que é que você é tão direta, meu bem?

GENI (*desesperada de desejo*) — Vocês homens são bobos! Está pensando o que da mulher? A mulher pode ser séria, seja lá o que for. Mas tem sua tara por alguém. (*Muda de tom*) Olha as minhas mãos como estão geladas. Segura, vê. (*Ojefante*) Geladas!

HERCULANO (*amargurado*) — Amor não é isso!

GENI (*furiosa*) — Me diz então o que é que é amor?

HERCULANO — Certas coisas, a mulher não diz, não deve dizer. Pode insinuar. Insinuar. Mas não deve dizer. Delicadeza é tudo na mulher.

GENI (*na sua cólera contida*) — Hoje tudo que é mulher diz puta que o pariu. Ah, de vez em quando, você me dá vontade, nem sei. Vontade de te quebrar a cara, palavra de honra. Desconfio que você gosta de apanhar. Há homens que gostam.

HERCULANO — Que conversa baixa!

GENI (*indignada*) — Ainda por cima, me esculhamba! Vou-me embora!

(*Geni quer afastar-se. Herculano se arremessa.*)

HERCULANO — Vem cá!

GENI — Tira a mão!

HERCULANO (*impulsivamente*) — Geni, eu não te disse o principal.

(*Geni vira-se apaixonadamente.*)

GENI (*sôfrega*) — E você? Você gosta de mim?

(*Pausa.*)

HERCULANO (*vacila*) — É o seguinte, o seguinte. Eu te conheço há pouco tempo. Quer dizer, não há entre mim e você, uma certa convivência.

PATRÍCIO (*sem reagir e com desesperado cinismo*) — Você me insulta, porque me dá dinheiro! Insulta porque me paga!

(*O riso de Patrício é quase choro.*)

HERCULANO — Você foi dizer a meu filho.

PATRÍCIO — Pode até me bater, bate! Porque eu estou precisando de dinheiro. (*Fala sem parar, sôfrego, ofegante*) Herculano, eu comprei um automóvel de segunda mão, uma lata velha. Assinei umas letras, que o dono topou. Quem vai pagar é você!

HERCULANO — De mim não vê um vintém! Ande a pé! E olhal!

PATRÍCIO (*interrompendo tumultuosamente*) — Eu não disse nada! Juro, quer que eu jure? Não fui eu! (*baixando a voz, sôfrego, implorante*) Vou te contar a verdade, a verdade! Imagine que as nossas tias, antes de mandarem a roupa para a lavanderia, examinam as tuas cuecas!

HERCULANO — Você está louco!

PATRÍCIO — Palavra de honra! Quero morrer leproso, se estou mentindo! (*Exultante*) E viram, pelas cuecas, que você é homem, o teu desejo pingal! (*Numa explosão selvagem*) Você é homem, homem, homem!

HERCULANO — Patrício, não me adianta nada quebrar tua cara!

PATRÍCIO (*no seu riso soluçante*) — Realmente, é meio engraçado, não é? Um homem acusado pelas cuecas!

HERCULANO — Vou te deixar morrer de fome!
(*Herculano abandona a luz. Patrício fica gritando.*)

PATRÍCIO (*berrando*) — Herculano! O ser humano é louco! E ninguém vê isso, porque só os profetas enxergam o óbvio!

(*Geni aparece sob o foco de luz. Em seguida, vem Herculano.*)

GENI (*repetindo, com a mesma inflexão*) — E você, casa comigo?

HERCULANO (*grave e comovido*) — Era justamente sobre isso que eu queria te falar. Durante esse mês.

GENI (*doce*) — Vinte e oito dias.

HERCULANO — Pois é. Tenho pensado muito. Pensado pra burro. Mas há um problema. Minhas tias, não.

GENI — Teu filho, aposto!

HERCULANO — Meu filho. O diabo é meu filho. Serginho me assombra.

GENI — Mas é uma criança! Um menino! Herculano!

HERCULANO — Você não entende, ninguém entende. (*Vivamente*) Tenho medo que esse menino. Geni, há entre nós e a loucura um limite que é quase nada. Não quero que meu filho enlouqueça! Não quero que ele sofra.

GENI (*com surda irritação*) — Seu filho não pode sofrer. E eu? Eu posso. Em mim você não pensa? Eu não existo?

HERCULANO — Ainda não acabei. (*Muda de tom*) Tive uma idéia. Uma idéia. Mando Serginho viajar.

GENI (*sôfrega*) — Pra longe?

HERCULANO — Sim. Primeiro Europa. Depois Estados Unidos. Temos uns parentes em Portugal.

GENI — Idéia formidável! (*Repete transfigurada*) Formidável!

HERCULANO — Com Serginho longe numa quinta em Portugal — as coisas se simplificam. Tenho mais liberdade de ação, de ser gente!

(*Geni põe a mão no próprio ventre.*)

GENI — Estou sentindo um frio por dentro. Aqui. Emoção.

(*Geni cola-se voluptuosamente a Herculano.*)

HERCULANO (*assustado*) — Fica quieta, Geni!

GENI (*num apelo*) — Vamos fazer uma loucura? Agora?

HERCULANO — Não, senhora. Você é que estava certa quando dizia: — só casando, só casando.

GENI — Escuta. Nós não vamos casar? Vem! No teu carro!

HERCULANO — Você está louca?

(Escurece o palco. Luz sobre as tias. Herculano na área iluminada.)

HERCULANO — Estive com o médico falando sobre Serginho.

TIA Nº 1 — Por que é que você se mete com a vida de Serginho?

HERCULANO (*atônito*) — Sou o pai!

TIA Nº 2 (*feroz*) — Mas quem educou o menino fomos nós.

HERCULANO — Eu sei, titia. Isso não se discute. Mas não é isso.
O seguinte: — O doutor diz que seria bom para Serginho uma viagem.

TIA Nº 1 (*atônita*) — Viagem?

TIA Nº 3 (*para as outras, interrogando*) — Querem tirar o menino da gente?

HERCULANO (*irritado*) — Vocês dizem menino, menino. Um adulto!

TIA Nº 2 — Viagem para onde?

HERCULANO — Europa.

TIA Nº 1 — E nós?

TIA Nº 2 — Você é mau, Herculano, você é mau!

TIA Nº 3 (*sardônica*) — Deixa ele falar!

HERCULANO (*desesperado*) — Vocês entendam! Procurem entender! É a saúde, é a vida de Serginho! Eu também sentiria a separação. Mas é um sacrifício que eu faria, e que vocês também fariam.

TIA Nº 1 (*alto e feroz*) — Quem fala em sacrifício? E o nosso?

HERCULANO — Eu reconheço que vocês foram formidáveis!

TIA Nº 1 — Nenhuma de nós se casou!

TIA Nº 3 — Nós só temos Serginho!

HERCULANO — Calma, calma! Oh meu Deus! É uma loucura! Serginho não pode viver num cemitério!

TIA Nº 1 — Pode viver, sim! E por que não? Serginho não vai esquecer a mãe, nunca!

TIA Nº 1 (*erguendo a voz*) — Você tem coragem de falar do túmulo de sua esposa, você que passou três dias e três noites numa casa de mulheres?

HERCULANO (*desesperado*) — Não é verdade! Não é verdade! (*Muda de tom*) (*Arquejante*) A idéia da viagem é do médico e não minha!

TIA Nº 1 (*como se cuspiisse*) — Médico comunista!

HERCULANO (*atônito*) — É o médico da família. Bom médico.

TIA Nº 3 — Pode ser bom médico, o sujeito que se amigou com a enfermeira? Uma mulata ordinária?

(Escurece o palco. Luz sobre padre Nicolau. Aparece Herculano.)

HERCULANO — Padre Nicolau, eu vim aqui porque. Eu queria que o senhor me ajudasse. Preciso de sua ajuda.

PADRE (*rápido e malicioso*) — É sobre uma viagem?

HERCULANO (*atônito*) — O senhor já sabe?

PADRE — Parece.

HERCULANO — Então, minhas tias estiveram aqui?

PADRE — Deixe as perguntas para mim.

HERCULANO (*sofrido*) — Padre, o senhor quer me ajudar?

PADRE (*melífluo*) — Sou contra essa viagem.

HERCULANO — O senhor não concorda?

PADRE (*com mais vivacidade*) — A troco de que soltar esse menino no mundo? Meu filho, você não percebe que não tem sentido? Você pode perder esse rapaz. Ele não está preparado para a solidão. Outra coisa: — a idéia da viagem é sua?

HERCULANO — Pois é. Não é minha. Do médico.

PADRE (*mais incisivo*) — Ah, então, muito pior.

HERCULANO — Não entendi. Por que muito pior?

PADRE — Esse médico não é um que tem atividade política?

HERCULANO — Socialista.

HERCULANO (*berrando*) — Diz coisa com coisa!

(*A velha desprende-se do sobrinho numa calma intensa, vai falando.*)

TIA — Vou dizer coisa com coisa.

HERCULANO (*chorando*) — Serginho está ferido?

GENI (*histérica*) — Fala!

TIA (*com a voz lenta e rouca*) — Serginho soube que você estava aqui com uma mulher. Uma vagabunda. Quis ver com os próprios olhos. E viu você e essa (*não lhe ocorre a palavra*), os dois, nus, de noite, no jardim, nus. Você e essa. O menino fugiu. Entrou num café, sei lá, num botequim. Pela primeira vez, bebeu.

HERCULANO (*berrando*) — O que aconteceu com meu filho?

TIA (*contida mas tiritando*) — Estou dizendo coisa com coisa. Serginho bebeu e brigou.

HERCULANO — Mas está vivo? Está vivo?

TIA — Prenderam o menino. Botaram o menino no xadrez junto com o ladrão boliviano. O outro era muito mais forte. (*Exaltando-se*) E, então (*tem um verdadeiro acesso*), o resto não digo! Vocês não vão saber! (*Recua diante de Geni*) — Essa mulher não vai ouvir de mim, nem mais uma palavra.

HERCULANO — Mas está vivo?

TIA (*incoerente, cara a cara com o sobrinho*) — Teu filho foi violado! Violado! Não é isso que você queria saber? (*Vai até Geni e repete para Geni*) Violado! Violaram o menino!

HERCULANO (*soluçando*) — Não! Não!

TIA (*mudando de tom. Um lamento quase doce*) — O menino serviu de mulher para o ladrão boliviano! Gritou e foi violado! O guarda viu, mas não fez nada. O guarda viu. Os outros presos viram.

GENI (*agarrando-se a Herculano*) — Eu não vou me embora! Eu fico! Eu fico! Herculano!

HERCULANO (*para Geni*) — Cachorra! Cachorra!

TIA (*como uma demente*) — Está morrendo no hospital!

(*Herculano foge gritando. Então, como uma louca, a tia começa a dizer coisas.*)

TIA (*andando pelo palco*) — Quando eu era garotinha, eu vi meu pai dizer uma vez: — “Pederasta, eu matava!” (*Com súbita energia para Geni*) Mas o menino não é nada disso. Um santo, um santo!

GENI (*desesperada*) — Madame, eu sei, eu sei! Eu conheço Serginho! Ele vai ficar bom, não vai morrer!

TIA — Devia morrer. Era melhor que morresse. Mas não quero que ele morra. E papai vivia repetindo. Aquela coisa sempre: “Pederasta, eu matava! Matava!” Eu nem sabia o que era pederasta!

GENI — O que aconteceu com seu sobrinho pode acontecer com qualquer um!

TIA (*repetindo*) — Pode acontecer com qualquer um!

GENI — Acontece muito nessas prisões!

TIA (*como uma demente*) — Acontece, acontece. Meu pai, se fosse o Hitler, mandava matar todos os pederastas. O guarda viu, estava lá e viu. Os outros presos viram. (*Com ferocidade*) Você é mulher da vida, mas tem que me acreditar. Meu menino não conhecia mulher, nunca teve um desejo. As cuecas vinham limpinhas, nada de sexo.

(*Súbito, a tia vira-se para o alto. Fala nítido como uma fanática.*)

TIA — Meu menino era impotente como um santo.

FIM DO SEGUNDO ATO

HERCULANO — Eu não vim me queixar. Não. Vim aqui, armado, armado para matar o ladrão boliviano.

DELEGADO — O senhor tem porte de arma?

HERCULANO (*num crescendo, sem ouvi-lo*) — Ia furar de balas esse filho-da-puta!

DELEGADO — Oh, meu amigo! O senhor se acalma!

(*Herculano na sua ira anda circularmente pela sala.*)

HERCULANO — Não posso olhar meu filho enquanto não matar, matar. (*Muda de tom*) Mas chego aqui e sei que o ladrão boliviano foi solto. (*Berrando*) Soltaram o ladrão boliviano! Soltaram! A polícia está louca?

DELEGADO — Polícia! Polícia! Eternamente a mesma coisa!

HERCULANO — Irresponsáveis!

(*O delegado explode, finalmente, bate na mesa.*)

DELEGADO — Chega! Agora o senhor vai me ouvir! Tem de me ouvir! Eu sou uma autoridade e não um palhaço!

(*Herculano emudece.*)

DELEGADO — Polícia coisa nenhuma! O senhor não conhece a nossa Justiça! A Polícia prende e a Justiça solta! Apareceu aqui o advogado, um desses advogados — com *habeas corpus*. (*Arquejante*) A Lei é cheia de frescuras!

HERCULANO (*espantado*) — O senhor não percebe? É meu filho? Meu filho foi violentado num xadrez! Está num hospital e nem sei se a hemorragia parou! Ninguém vai fazer nada? Nada?

DELEGADO (*contemporizando*) — Então, vamos lá. O que é que o senhor quer que eu faça? Diga, o quê? (*Berrando*) Eu não sou o Poder Judiciário!

HERCULANO — Mas alguém! Alguém tem que fazer alguma coisa! (*Berrando*) Temos que fazer alguma coisa! Alguma coisa!

DELEGADO — Ora, meu caro! (*Incisivo*) Polícia é verba! Não temos xadrez, temos que improvisar um xadrez! Não há pessoal, nem espaço. O senhor já viu um depósito de presos? Vale a pena. Outro dia, o senhor não leu no jornal? Fizcram com um cego a mesma coisa, deram uma curra no cego! E era cego, fumava maconha, mas era cego. Polícia é verba!

(*Neste momento, bate o telefone. O delegado se sobressalta.*)

DELEGADO (*sôfrego*) — Alô, alô! (*Radiante*) Sou eu, meu bem. Estava ligando para ti. Um momentinho, um momentinho!

(*Delegado tapa o fone com a mão e fala com Herculano.*)

DELEGADO — Quer sair um momento. Fica no corredor. Espere lá.

HERCULANO — Eu ainda não disse tudo!

DELEGADO — Estou besta com a minha paciência! (*Furioso*) O senhor sai! É um assunto importante. Quando acabar, eu chamo o senhor. Saia!

(*Herculano sai da luz. Delegado atraca-se ao telefone.*)

DELEGADO (*radiante*) — Meu bem, um chato aqui, que não me larga. Mas olha, está ouvindo, coração? Tenho um pedido pra te fazer. Um pedido. O seguinte: — Você me espera vestida, mas sem calça.

(*Escurece o palco. Luz sobre o Padre Nicolau. Entra Herculano.*)

HERCULANO — Padre, há uma coisa, uma ilha onde as crianças têm câncer antes de nascer. Depois do que aconteceu com meu filho, acho padre (*ergue a voz*), acho que a ilha está certa.

PADRE — Meu filho, reze! A oração é tudo!

HERCULANO (*veemente*) — Quero rezar, quero! Mas ao mesmo tempo sei que há um fato. Nenhuma oração vai alterar o

HERCULANO — Quer ver como eu te parto a cara?

GENI — Faz, faz o que você quiser. Eu não me incomodo. (*Impulsivamente*) Mas você precisa de mim, Herculano!

HERCULANO (*numa explosão*) — Cínica!

GENI — Eu não abandono o homem que está por baixo! (*Na ânsia de convencê-lo*) Ninguém me conhece, mas eu me conheço. Herculano, eu preciso ter pena. O meu amor é pena. Eu estou morrendo de pena. Juro, Herculano! Pena de ti e do teu filho!

HERCULANO — Olha, Geni. Você foi a culpada. Eu também. Mas você ouviu? Você ainda é pior. (*Num berro mais feroz*) Mulher da zona, teu lugar é na zona!

GENI (*doce e violenta*) — Aqui a teu lado!

HERCULANO — Eu não quero!

GENI (*chorando*) — Vou ser tua criada, criada do teu filho! Vou lavar chão, mas não saio. Herculano! Não saio daqui, até o fim da minha vida! E não quero nada — ouve, Herculano, ouve! — não quero nada senão um prato de comida e um canto pra dormir!

HERCULANO — Você não me engana. Qual é o teu plano? Você tem um plano, e qual é?

GENI (*fanática*) — Viver pra você e pra Serginho!

HERCULANO — Não fala do meu filho! E se abrir a boca pra falar do meu filho...

GENI (*impulsivamente*) — Herculano, preciso ver Serginho, imediatamente.

HERCULANO (*num berro*) — Está de porre?

GENI (*histericamente*) — Antes que seja tarde! (*Baixo e feroz*) Nem que você me mate de pancada, eu falo, falo com teu filho! Eu tenho pena do teu filho e quando eu tenho pena sou uma santa! (*Erguendo a voz*) Herculano, eu conversei com tuas tias! Vim de lá!

(*Escurece o palco. Luz sobre as tias. Geni aparece.*)

TIA Nº 2 — Retire-se ou eu chamo a Radiopatrulha!

GENI — Minha senhora, a senhora não sabe o que eu vim dizer. Eu vim aqui.

TIA Nº 3 — Ponha-se lá fora!

GENI (*desesperada para a Tia nº 1*) — A senhora, que me conhece, que falou comigo. Eu tenho uma coisa para dizer muito importante. (*Para a outra*) Madame, deixa eu falar, e depois eu vou-me embora!

TIA Nº 2 — Estava nua no jardim!

GENI — Pelo amor de Deus!

TIA Nº 3 — Uma vagabunda na nossa casa!

TIA Nº 1 — Mas fala! Depois do que aconteceu com Serginho nada mais me espanta! Você pode ficar nua!

TIA Nº 2 — Nada me espanta, nada, nada!

TIA Nº 1 — Fala de uma vez!

GENI — Madame, a senhora pode acreditar. Sou quem sou, mas sou diferente. (*Para a tia conhecida*) Não sou como as outras. A madame sabe. Vou morrer de uma ferida no seio.

TIA Nº 3 (*histericamente*) — Se Serginho morrer, não quero autópsia!

GENI (*erguendo a voz*) — Foi praga de minha mãe! Tenho certeza. Primeiro, vai nascer um carocinho. Depois, abre a ferida. Tão certo como hoje é véspera de amanhã.

TIA Nº 3, (*na sua obsessão*) — Autópsia, não! Autópsia, não!

GENI — Preciso ver esse menino! Tem que ser já!

(*Escurece o palco. Luz sobre Herculano. Geni aparece.*)

GENI — Tuas tias me expulsaram de lá.

HERCULANO — Pela última vez! Ou você sai por bem ou quem chama a Radiopatrulha sou eu. E você vai sair daqui de baixo de borrachada.

GENI — Herculano! Se eu não falar com teu filho, ele morre!

HERCULANO (*num crescendo*) — Ouve, meu filho. Se alguém te disse que eu ia casar com essa mulher, é mentira, calúnia! Jamais me passou pela cabeça essa idéia. E nem é minha amante! Uma prostituta não é amante, é a mulher que todos usam — mas pagando! Nunca seria minha esposa, nunca! E você tem que acreditar em mim! Você nunca viu seu pai mentir. (*Cai a exaltação de Herculano*) Serginho, a um pai se perdoa!

SERGINHO — Eu não te perdoo nunca. O pai acabou. Eu não tenho pai!

HERCULANO — Você não tem mais nada pra me dizer?

SERGINHO (*lento e feroz*) — Pela última vez, vou te chamar de pai. Meu pai, eu não irei a teu enterro!

(*Escurece o palco. Luz sobre Geni e Patrício.*)

PATRÍCIO — Você é besta! Tira isso da cabeça!

GENI — Me faz esse favor, Patrício!

PATRÍCIO — O menino quer te matar, criatura!

GENI (*fanática*) — Patrício, eu não vou morrer de tiro nem de facada!

PATRÍCIO — Esse papo de ferida pra cima de mim, não!

GENI — Se você me levar, eu te dou todas as minhas jóias!

PATRÍCIO — Sua burra! Herculano também quis me subornar. Resultado — fui dizer ao Serginho que vocês iam se casar. Também fui eu que levei Serginho pra ver vocês dois, nus, no jardim. Cuidado comigo!

GENI — Então vou sozinha e que se dane!

PATRÍCIO — Vem cá, Geni. Sem querer, você me deu uma idéia.

GENI — Topa?

PATRÍCIO — Geni, você vai me dar o retrato, aquele, o célebre, de você nua.

GENI — Não te dou retrato nenhum!

PATRÍCIO — Então, não te levo ao Serginho. Ele só faz o que eu quero. O garoto está maluco. Mas é uma loucura que

aderna para um lado ou para outro, segundo a minha vontade.

(*Escurece o palco. Passagem para Herculano e o médico.*)

HERCULANO — O que me espantou, doutor, é que ele não disse nem uma palavra sobre o ladrão boliviano.

MÉDICO — Ora, Herculano.

HERCULANO — Isso quer dizer o quê, doutor?

MÉDICO — Evidente. Defesa, defesa normal e obrigatória. O menino precisa não se lembrar, precisa esquecer.

HERCULANO (*desesperado*) — Eu é que não me esqueço um minuto. Estou sempre com isso na cabeça. E sonho. O senhor acredita, se eu lhe disser que sonho todas as noites com o ladrão boliviano?

MÉDICO — Você cultiva, Herculano, cultiva essa obsessão. Não é só o garoto que precisa esquecer: — Você também, as tias, todos nós!

HERCULANO — Mas ele me odeia, doutor!

MÉDICO — Herculano! Não valorize uma reação passageira que você, como adulto e como pai, tem que compreender. Não lhe disse? Você está dramatizando tudo!

HERCULANO — O senhor tem razão. Vou-me embora, doutor.

MÉDICO — Me dá notícias.

(*Herculano sai. Médico examina umas notas do consultório. Volta Herculano.*)

HERCULANO — Voltei para lhe contar uma coisa. O que me doeu ainda mais, sabe o que foi? (*Numa tensão insuportável*) Um tira me disse, na delegacia. Até isso, até isso. Me disse que o ladrão boliviano tinha sido, na terra dele, barítono de igreja. Antes de ser ladrão, ou já era ladrão e cantava nas missas. Também cantava aqui no xadrez. Pelo que a Polícia me descreveu, é um sujeito dos seus 33 anos, imundo, mas bonito.

SERGINHO (*atônito*) — Pena! (*Enfurecido*) E Patrício mandou você aqui, sabendo que você tem pena de mim? Quero saber por que você tem pena.

GENI — Não é isso! Eu falo demais! Às vezes, digo o que não devo!

SERGINHO — Se você chora, e tem pena, é porque pensa no que me aconteceu. Você está pensando “naquilo”!

GENI — Eu lhe juro!

SERGINHO — Todos que entram aqui, todos. Médicos e enfermeiras. Todos pensam a mesma coisa.

GENI (*numa explosão*) — Se os outros pensam, eu não penso!

SERGINHO — Vem cá. Aqui.

(*Serginho apanha a mão de Geni.*)

SERGINHO — Se você quer viver, nunca, nunca, toque nesse assunto. Se você disser uma palavra sobre, sobre.

GENI — Está me machucando.

SERGINHO (*mudando de tom, e, agora, caricioso e ameaçador*) — Mas eu sei que você não vai esquecer. (*Sem transição*) Vai lá, fecha a porta e volta. Escute, se quiseres, aproveita e foge, some.

(*Geni vai fechar a porta a chave e volta.*)

GENI — Eu fico.

SERGINHO — Senta aqui. Aqui na cama.

(*Geni obedece.*)

SERGINHO — E, agora, que estamos sozinhos, se eu te esganasse, assim?

(*Serginho põe as mãos no pescoço de Geni, como se, realmente, a fosse estrangular.*)

GENI (*com sofrida humildade*) — De você, eu não tenho medo.

SERGINHO (*bruscamente*) — Você sabe que “ele” está solto? Saiu da prisão?

GENI — Quem?

SERGINHO — Ele! Ele! (*Como se falasse para si mesmo, esquecendo Geni*) Fala espanhol! Fala espanhol! Eu que, antigamente, achava que espanhol era mais bonito que o italiano. (*Baixo*) Nunca mais posso ouvir ninguém falar espanhol.

(*Geni agarra-se ao rapaz.*)

GENI — Esquece! Não pensa!

SERGINHO (*dolorosamente*) — “Ele” está aí.

GENI (*olhando em torno e em pânico*) — Onde? Onde?

SERGINHO (*meio alado*) — Perto daqui. Um bicho, sabe, não sabe? Quando vem a chuva? (*Veemente*) Eu também sei, sei, quando “ele” vem, quando “ele” se aproxima, quando “ele” está por perto. (*Mais forte*) Se eu abrir a janela hei de ver um homem na calçada, ou na esquina. “Ele” está cercando o hospital!

GENI (*violenta*) — Serginho! Ouve, Serginho! Não tem ninguém! Esse homem está longe!

SERGINHO (*violento*) — Perto, perto. “Ele” me segue! Eu sinto. (*Num medo maior*) Talvez esteja no corredor.

(*Serginho cai de joelhos. Tem um fundo gemido. Ela cai de joelhos, também. Aperta o rosto do rapaz entre as mãos.*)

GENI — Meu amorzinho! Eu estou aqui!

SERGINHO (*soluçando*) — Não sei quem foi que disse que o espanhol era língua de namorado, de amante!

GENI — Você tem que esquecer.

(*Serginho aponta numa direção vaga; parece delirante, outra vez.*)

SERGINHO — “Ele”, outra vez! Vem, vem nessa direção, na direção do hospital! Atravessa a rua, Geni!

GENI — Sou.

SERGINHO (*possesso*) — O quê? O quê?

GENI (*numa explosão*) — Prostituta!

(*Serginho, com triunfante crueldade, põe-se a berrar.*)

SERGINHO — Então, vai-te embora! Sai daqui! Sai daqui!

GENI (*desesperada*) — E não volto nunca mais?

SERGINHO (*baixo e ofegante*) — Volta casada. Casa com meu pai e volta. Como esposa. (*Berrando novamente*) Tem que ser a mulher do meu pai, a esposa (*baixo novamente*) e minha madrasta.

(*Geni foge. Serginho cai de joelho, baixa a cabeça. Escurece o palco. Passagem para o médico, Herculano presente.*)

HERCULANO (*na sua euforia*) — Doutor, o senhor acredita em milagre?

MÉDICO — Acredito no homem.

HERCULANO (*comovidíssimo*) — Está certo, está certo! Eu também. No homem, sim. (*Vivamente*) Mas, doutor, o senhor me desculpe. Se tirarem do homem a vida eterna, ele cai de quatro, imediatamente.

MÉDICO (*risonhamente*) — Então, eu sou um quadrúpede.

HERCULANO (*desconcertado*) — Oh, doutor, que é isso? A vida eterna está com o senhor, mesmo contra a sua vontade!

MÉDICO (*com afetuosos ironia*) — Muito obrigado. (*Sem transição*) Mas qual é o seu milagre?

HERCULANO — Primeiro, vou lhe contar a história de dois beijos. O seguinte: — uma vez eu fiz um favor ao meu irmão Patrício. E ele me beijou a mão. Confesso que não entendi e que achei esse beijo meio abjeto. Pois bem. Agora, chegou a minha vez. (*Sôfrego*) Eu acabei de beijar a mão do meu filho.

MÉDICO — Serginho?

HERCULANO — E sabe por quê?

(*Herculano cobre o rosto com uma das mãos e chora.*)

HERCULANO — Desculpe, doutor.

MÉDICO — Não tenha vergonha de chorar.

HERCULANO — Mas imagine, Serginho me procurou, hoje, e me pediu, quase exigiu, que eu me casasse com Geni. De repente, eu senti que a criança era eu e o adulto ele.

MÉDICO — Qual foi sua resposta?

HERCULANO — Minha resposta? Ah, doutor! Chorando, beijei a mão de meu filho. E ele sabe do passado de Geni, sabe tudo.

(*Apaga a luz sobre os dois. Passagem para o padre Nicolau. Chega Herculano.*)

HERCULANO — Padre, hoje eu acordei com vontade de perdoar.

PADRE — Perdoar o que e por quê?

HERCULANO — Não pensei em ninguém, particularmente. Um perdão impessoal, indiscriminado. Perdoar a todo o mundo, sei lá.

PADRE — Meu filho, não tenha pressa de perdoar. A misericórdia também corrompe.

(*Escurece o palco. Luz sobre o médico. Herculano volta.*)

HERCULANO — O que eu chamo milagre é essa ressurreição. Minha também. E de Geni. O senhor não sabe que caráter é Geni! E a bondade, a delicadeza! Até o Patrício mudou tanto!

MÉDICO — Mas, afinal, você atribui ao milagre o que é mérito do seu filho. (*Sem transição*) E o casamento? Vai sair?

HERCULANO (*taxativo*) — A partir de amanhã começo a tratar dos papéis. (*Sem transição*) Mas, doutor! O Serginho esteve aqui ontem. Agora o senhor vai dizer a sua opinião. O que é que o senhor achou?

MÉDICO (*taxativo*) — Outra coisa! Da vez passada, não pude nem examinar o tórax do rapaz. Tinha pudor do peito,

SERGINHO (*rindo quase boca com boca*) — Qual foi a tua desculpa?

GENI — Ah, eu disse que era dele mesmo.

SERGINHO — E o velho acreditou?

GENI — Que remédio?

SERGINHO — Mas você também me morde, me arranha.

GENI — Ah, você não tem ninguém. Não quero que o velho desconfie. Pra quê?

SERGINHO — Sabe que eu fico besta contigo? Parece mentira mas você me trai.

GENI — Não diz isso nem brincando. Não há mulher mais fiel do que eu.

SERGINHO — Você não me trai com meu pai?

GENI (*veemente*) — Isso não é trair. Traído é o velho! De mais a mais, quem é o culpado?

SERGINHO — Ora, Geni.

GENI — Foi você ou não foi? Você quis o casamento. Eu queria fugir. Te disse: — vamos fugir. Você não quis. Recusou. E eu topei casar, porque, como tua madrasta, ia ficar junto de ti. Mesmo que a gente brigasse, eu estaria a teu lado, sempre.

SERGINHO (*frívolo*) — Deixa de conversa! Você não dorme com o velho? Então, eu também posso trair, ora que piada!

GENI (*já sofrida*) — Serginho, não diz isso nem brincando. Você sabe que eu sou ciumenta. Não nego. (*Sem transição*) Que mancha é essa aqui? Esse sangue pisado?

(*Geni examina o dorso nu do rapaz.*)

SERGINHO — Foi você quem fez!

GENI — Você está respondendo como eu respondi ao velho!

SERGINHO — Minha putinha!

GENI (*vivamente*) — Você teria coragem de me trair?

SERGINHO (*rindo*) — Nunca!

GENI — Quem sabe se você não está pensando: — Eu já trai e a boba não sabe! Você já me traiu pra burro, apostol Serginho, eu não quero ser traída!

SERGINHO — Chorando por quê?

GENI — Olha pra mim. Ultimamente, de vez em quando, eu sinto que teu pensamento está longe, longe. Você olha sem ver. Diz, mas não minta: — em que você pensa, se não é em mim? Se você confessar, eu não fico zangada. Quem é a mulher?

SERGINHO — Você!

GENI (*chorosa*) — Mentiroso! (*Veemente*) Você nunca me traiu? Nem por dois minutos?

SERGINHO — Nunca!

GENI — Nem beijo? Mesmo sem o resto, eu já considero o beijo uma traição. Tenho ciúmes dos teus beijos. (*Num apelo*) Se você me traiu, não beija. (*Feroz*) Você beijou outra?

SERGINHO (*sem transição e duro*) — Geni, tenho uma notícia pra te dar.

(*Voz gravada de Geni.*)

GENI (*ansiosa*) — Boa ou má? Já estou com medo. Tenho medo de tudo. (*Querendo ser natural*) Qual é a notícia?

SERGINHO — Vou viajar.

GENI (*atônita*) — Mentira!

SERGINHO — É verdade. E já combinei tudo com papai. Pedi a ele pra guardar segredo. Eu próprio queria te falar.

GENI (*estupefata*) — Serginho, ainda não estou acreditando! (*Num crescendo*) Ainda não estou acreditando!

SERGINHO — Paciência!

GENI — Viajar para onde?

SERGINHO — Europa, Estados Unidos.

GENI (*contida*) — Quanto tempo?

PATRÍCIO — Como é, Geni? Sou eu, Geni!

(Geni abre a porta do próprio quarto assustada.)

GENI — Você entrou como?

PATRÍCIO *(maligno)* — Não conhece mais o teu cunhado? *(Sem transição, mudando de tom)* Entrei entrando, ora. *(Muda de tom, outra vez)* Quando cheguei, essa negra ia saindo, ela e mais outra. Entrei, pronto. Isso aqui é ou não é a casa do meu irmão?

GENI — Bêbado!

PATRÍCIO *(com um riso pesado)* — Você me despreza, hem, Geni? *(Fecha o riso)* Não interessa. Quero conversar contigo.

GENI — Ah, meu Deus!

PATRÍCIO *(continuando)* — Bater um papo.

GENI — Herculano não está.

PATRÍCIO *(cínico)* — Eu vim porque sabia que ele está em São Paulo. *(Riso surdo)* Geni, tenho uma novidade pra ti, uma bomba!

GENI — Escuta, Patrício, volta amanhã, outro dia. Vai embora! Eu estou com sono.

PATRÍCIO *(melífluo e ameaçador)* — Sono, Geni? *(Mais duro)* Vou contar uma que vai tirar o teu sono pro resto de sua vida! *(Batendo no peito, com súbita exaltação)* Você não vai dormir nunca mais, nem morta!

GENI *(irada)* — Quer sair da minha casa?

PATRÍCIO — Teu amor partiu, hem?

(Geni olha instintivamente para os lados.)

GENI — Cala a boca!

PATRÍCIO — Herculano não está, posso falar. *(Sem transição e sô/rego)* Gostei de te ver no aeroporto. Nenhuma lágrima. Herculano chorou. E você?

GENI — Vou dormir.

(Geni quer voltar para o quarto. Rápido, ele faz a volta e barra-lhe o caminho.)

PATRÍCIO — Vim aqui pra te contar e você vai ouvir! É uma coisa que interessa a teu amor. *(Ri sôrdido)* Mas se você não quer eu não conto. Vou-me embora, não conto. *(Farsante)* Boa noite, Geni.

(Fazendo a sua comédia, Patrício dá dois passos. Angústia de Geni.)

GENI — Está bem. Mas conta logo.

PATRÍCIO *(excitado)* — Sabe que, antes de partir, Serginho me deu uma nota alta, um cheque?

GENI *(embelezada)* — Serginho é bom, tão bom!

PATRÍCIO *(com alegre crueldade)* — Mas não foi por bondade. Ninguém é bom comigo. Foi medo. Eu ameacei de fazer escândalo no aeroporto.

GENI — Você está louco?

PATRÍCIO — Bêbado, sim, louco, não. *(Feroz e sem transição)* Louca é você, que não desconfiou de nada. Vou te contar uma e tu vai cair pra trás, dura. *(Feroz)* Serginho partiu com o ladrão boliviano!

(Patrício começa a rir em crescendo.)

PATRÍCIO — É uma viagem de núpcias com o ladrão boliviano. Vão continuar a lua-de-mel. Serginho não voltará mais, nunca mais.

(Geni enche o palco com seus uivos.)

GENI — Não! Não! Não!

(A voz de Patrício cresce ainda. Ele berra a maldição final.)

PATRÍCIO — Hei de ver Herculano morrer! Hei de ver Herculano morto! Com algodão nas narinas e morto!

evidenciar o desequilíbrio da Censura, que enquanto proíbe A Laranja Mecânica e vai proibir O Último Tango em Paris — as duas fitas mais famosas dos últimos anos (e, com isto, culturalmente, o Brasil se provincianiza de vez) e corta estupidamente a cena do delegado em Toda Nudez Será Castigada (talvez em deferência à “turma da pesada”, bicho, lenocínio ou esquadrão da morte), dá plena liberdade aos personagens de coisas como Os Mansos, Viúva Virgem, Tentação Nua etc.

O roteiro de Jabor mantém extrema fidelidade ao espírito de Nelson Rodrigues e prevê a necessária vitalidade do filme. Poucas cenas e personagens foram extirpados do original: o médico, o padre. Os diálogos sagradamente conservados, apenas lamentando-se a elisão daquele, na peça, do primeiro encontro de Serginho com o pai, quando critica este último por usar tálco nos pés.

A fotografia em cores está precisa e funcional. O décor, bem sacado. A faixa sonora recorre a vários temas, porém os melhores momentos são mesmo aqueles de Darlene cantando o bolero e da movimentação no rendez-vous ao som de Give My Regards to Broadway, na voz de Al Jolson. Em suma, auto-sátira virulenta do moralismo espectral.

Na estrutura das obras de Nelson, o diálogo do mundo trágico e do cômico, em mescla, está sempre presente. Numa adaptação para outro meio de expressão, como, no caso, o cinema, às vezes o diretor sente-se impelido a carregar mais numa ou outra tendência. Acaba geralmente sendo a veia cômica, talvez por manter, fora do teatro, mais nítido o colorido típico do autor. Aqui, ocorreu o mesmo; e bem enfatizado pelos aiores. Isto seria o ponto mais discutível do filme, se ele tivesse de ser, obrigatoriamente, o espelho da peça. Mas não tem.

E, aliás, uma das modificações enfrentadas pelo diretor (e não era necessária), com grande êxito, é a aparição física do ladrão boliviano. Na peça, este era apenas um componente do universo referencial dos diálogos. Na fita, muito bem escolhida a figura, ela emerge numa das seqüências mais bem elaboradas, com o contraste muito bem bolado do ato de sodomia ser acompanhado do coro de prisioneiros entoando Bandeira Branca.

Enfim, além de Darlene — em plano superior — louvar a coisa raríssima no cinema nacional: a segurança e boa caracte-

rização dos intérpretes em conjunto. Só não podemos comentar a participação especial de Hugo Carvana (o delegado), anunciada nos créditos, porque, como já se disse, a Censura não deixou. Mas o teor da própria obra, em si, já é uma resposta aos censores: todo censor será castigado. Pelo tempo. Pela História. Pelo desprezo do Processo.

José Lino Grünwald